

SANTIAGO, CHILE

AB-2122  
CII/AB-769  
20 março 2001  
Original: inglês

DISCURSO DO GOVERNADOR SUPLENTE INTERINO PELOS PAÍSES BAIXOS  
NA TERCEIRA SESSÃO PLENÁRIA

*Karel van Kesteren*

1. Assim como os oradores que me antecederam, gostaria de agradecer às autoridades chilenas por serem os anfitriões desta Assembléia em cenário tão belo como esta velha estação ferroviária. Isso certamente nos ajudará a colocar o BID no rumo certo para o futuro. Que direção, no entanto, deve o BID tomar?
2. Para nós, a resposta é clara: ele deve prosseguir seu caminho; em direção à redução da pobreza e da desigualdade e ao crescimento ambiental sustentável. Vemos o BID como um banco de DESENVOLVIMENTO para os países membros tanto de renda baixa quanto de renda média. No que diz respeito às atividades de banco de desenvolvimento, há condições a serem atendidas, por exemplo, sobre ambiente, sobre distribuição de renda, sobre igualdade entre os sexos e sobre o impacto nos segmentos pobres da sociedade, inclusive as populações indígenas.
3. O papel do BID como instituição de desenvolvimento implica a necessidade de nos determos, primeiramente, nos países membros mais pobres da Região. É nesse ponto que o conhecimento específico, as habilidades e a experiência do BID mais se destacam. Nesses países, como parte da Iniciativa PPME, a elaboração de estratégias de redução da pobreza tornou-se o elemento central dos esforços de desenvolvimento. Uma estratégia elaborada sob a liderança do país beneficiário, inclusive de sua sociedade civil, uma estratégia que constitui o modelo de participação de todos os doadores. Todos os doadores, tanto bilaterais quanto multilaterais, devem cooperar nesse esforço comum, para garantir a coordenação ótima e a sinergia.
4. Lamento dizer que, nos países pobres em que a Holanda vem concentrando sua cooperação para o desenvolvimento, constatamos vários exemplos de intervenções mal coordenadas e consideravelmente isoladas por parte do BID. Conclamamos o Banco,

inclusive suas representações nos diversos países, a investir mais energia na coordenação local, não apenas com as instituições de Bretton Woods e os doadores bilaterais, mas também com os vários organismos do sistema das Nações Unidas, especialmente o PNUD.

5. Eu disse que o BID deveria se concentrar inicialmente nos países mais pobres, mas, naturalmente, a Holanda também está consciente das necessidades dos países mais desenvolvidos, os países de renda média. Aqui em Santiago, já tivemos debates vivos e muito interessantes sobre o papel do Banco nesses países. Em nossa avaliação, os objetivos mais abrangentes do Banco, redução da pobreza e da desigualdade e crescimento ambiental sustentável, deveriam orientar as ações do BID também com relação aos países de renda média. Talvez haja uma necessidade de atender às necessidades dessa categoria de países de maneira mais flexível do que a que tem sido possível até este momento, mas devemos antes analisar por que os mecanismos existentes não são adequados a essas necessidades. Além disso, existem e devem existir limites ao que o BID pode realizar: é necessário que haja tetos para certos tipos de empréstimos, bem como exigências mínimas de condicionalidade e taxas de juros. Não temos ainda idéias precisas quanto a esses limites, tetos e margens; estamos abertos ao debate. Entretanto, temos de preservar o BID como banco de desenvolvimento e não transformá-lo em uma instituição diferente, uma espécie de FMI regional, ao mesmo tempo em que devemos estar alertas para a defesa de práticas bancárias sólidas, a fim de não colocar em risco a posição financeira do Banco. São esses os nossos parâmetros para a avaliação de propostas de novos instrumentos de crédito.

6. Passando a um outro tema, desejo expressar nossa profunda satisfação com o acordo a que se chegou sobre a Iniciativa PPME. Na condição de país que investiu consideráveis somas e energia na Iniciativa PPME em geral, estamos felizes de tomar conhecimento de que, graças à Iniciativa, foi assegurado o alívio da dívida dos países muito endividados do continente, inclusive aqueles com que a Holanda possui longa tradição de cooperação, a Bolívia e a Nicarágua. Gostaríamos de destacar, porém, que o BID tem uma responsabilidade em relação a esses países, ou seja, ajudá-los a não cair novamente na armadilha da dívida, assim como deve levar essa responsabilidade em consideração ao tomar decisões quanto a novos empréstimos a eles destinados. Isso significa emprestar cuidadosamente, com vistas a atender a demanda e, certamente, não voltados para metas de gastos. Com a atual política de empréstimos, estamos confiantes em que o Banco agirá com prudência.

7. A próxima semana outro importante evento será realizado aqui em Santiago: o diálogo político entre os países da União Européia e da América Latina. Gostaria de enfatizar a importância das relações comerciais entre essas duas regiões e, mais ainda, a cooperação regional, em todos os seus aspectos, entre os países latino-americanos, um dos objetivos fundamentais do BID.

8. Os protestos nas ruas contra nós mostram a preocupação que há lá fora em relação a um processo de globalização que parece escapar ao controle e apenas servir aos

interesses de uma parcela privilegiada da população mundial. Devemos fazer todo o possível para que a globalização funcione para todos, inclusive os pobres. A redução da pobreza é mais que política social; o combate à pobreza é, por definição, tão multidimensional quanto a própria pobreza. Confiamos em que as discussões sobre a adequação das políticas e instrumentos do Banco, em que estamos engajados aqui em Santiago, e que prosseguirão nos meses seguintes, fortalecerão nossa capacidade de transformar a América Latina num continente melhor para as populações de todos os países, mas em especial para os mais pobres e mais desfavorecidos.